

DOCUMENTAR EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DA PESQUISA À PUBLICAÇÃO

Trinidad Vaccarezza¹

Leôncio José Gomes Soares²

Apresentar, tornar presente, oferecer a outros. E, também, *publicar*, dar a conhecer, deixar-se ver por outros. É isso que propomos nesta ocasião com os textos que compõem a presente edição da revista Pró-Professor e que convidamos vocês, caros leitores e leitoras, a receberem. Por um lado, queremos apresentar o trabalho desenvolvido em torno dos seis relatos de professores e professoras da educação de pessoas jovens, adultas e idosas que são parte desta edição e oferecer a vocês uma visão do percurso realizado para a escrita de suas narrativas de experiências pedagógicas nessa modalidade. E, por outro, entendemos que publicá-las é avançar na tarefa de dar a conhecer as experiências nelas relatadas pois disso trata-se, também, a escrita: de deixar marcas para que outros e outras possam vê-las e, nesse deixar-se ver, contribuir com a própria palavra ao processo de interpretação do mundo. Neste caso, do mundo educativo da educação com pessoas jovens, adultas e idosas nas escolas.

Os leitores e leitoras da Revista Pró-Professor já estão familiarizados com as narrativas pedagógicas. As edições anteriores nos proporcionam relatos de vivências do dia a dia na sala de aula com reflexões em torno de projetos pedagógicos desenvolvidos, sequências didáticas implementadas e cartas que

- 1 Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos (GRUPEJA) da Faculdade de Educação/UFMG e da Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires.
- 2 Professor titular aposentado da Faculdade de Educação da UFMG. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos, FaE/UFMG.

socializam os desafios enfrentados na docência. Também, entre os textos publicados, encontramos teorizações em torno do que implica escrever uma narrativa pedagógica, os diferentes gêneros narrativos utilizados para a inscrição dessas experiências e a variedade de processos que podem fazer essas narrativas emergirem.

Nesta edição, apresentamos para vocês uma experiência realizada no marco de uma pesquisa de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais com o dispositivo de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP) e junto a seis professores e professoras de amplas trajetórias de trabalho na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH).

Os relatos que seguem e que agora, com a sua publicização, tornam-se documentos narrativos de experiências pedagógicas na EJA, são fruto de doze encontros coletivos realizados junto aos/às docentes narradores/as ao longo de 2024 e 2025. Nesses encontros nos dedicamos a escrever, ler, comentar e editar pedagogicamente as sucessivas versões dos textos aqui compartilhados. Por meio de diversas estratégias, seguindo um itinerário relativamente preestabelecido pela DNEP (Suárez, Dávila e Ochoa, 2004; Suárez e Dávila, 2019; Suárez *et al.*, 2021), fomos nos aproximando tanto das experiências vividas pelos professores e professoras participantes ao longo de suas amplas e comprometidas carreiras na EJA quanto de modos narrativos de dizer sobre elas. Geramos, assim, conversas e perguntas ao redor dos relatos, mas também espaços e tempos para a escuta da sua leitura em viva voz e para o silêncio que o ato de escrever demanda.

A DNEP enquanto dispositivo de pesquisa-ação-formação nos possibilita indagar sobre as experiências pedagógicas a partir da conformação de uma comunidade de atenção mútua (Connely e Clandinin, 1995), informada e especializada que se apoia nos saberes construídos no próprio trabalho docente para criar e propor olhares e sentidos em torno das experiências de maneira

coletiva e colaborativa. Porém, diferentemente de outras propostas de pesquisa-ação em que os/as participantes são convidados/as a registrarem as suas experiências a despeito das suas práticas educativas, a DNEP se baseia na narratividade (Contreras, 2016) como modo de pensar e produzir conhecimento em educação. Dessa forma, a via narrativa é entendida como produtora de um saber pedagógico específico, um saber que encontra o seu modo de ser transmitido na narratividade e que pode, pelo processo de DNEP, ganhar densidade e significatividade pedagógica.

Os autores e autoras das narrativas que aqui compartilhamos são Adelson, Alex, Clemência, Dulce, Floricena e Valéria. São professores/as atuantes ainda na EJA Adelson, Alex e Floricena, enquanto Clemência, Dulce e Valéria já estão aposentadas, mesmo que ainda muito envolvidas em diversos projetos educativos. Seus relatos constituem uma oportunidade para nos aproximarmos a experiências vividas tanto na gestão quanto na docência com pessoas jovens, adultas e idosas nas escolas, mas com a particularidade de serem professores/as que, apesar das dificuldades e desafios, permaneceram na EJA e construíram grande parte das suas carreiras nesta modalidade. Isto não é comum, já que, como as pesquisas apontam, a EJA se caracteriza por uma intensa rotatividade nos cargos docentes e de gestão (Rodrigues Silva e Soares, 2021) o que dificulta a consolidação de equipes especializadas nas escolas e nas próprias redes de educação, produzindo diversas consequências que atuam em detrimento da qualidade da oferta.

Sendo então relatos que carregam em si anos e anos de trabalho dedicado à EJA, os leitores e leitoras vão poder se encontrar, também, com memórias político-pedagógicas que constroem a história do próprio nascimento e desenvolvimento da política de EJA na cidade de Belo Horizonte e os modos que, desde a década de 1990, vêm sendo criados e caminhos pavimentados para fazer dessa educação um direito que chegue a todas as pessoas que o demandarem.

Assim, o relato de Maria Clemência de Fátima Silva, *O Projeto de Educação de Trabalhadores e a Escola Sindical Sete de Outubro: memórias da presença*, nos submerge na história de um projeto de educação para pessoas adultas que surgiu como uma parceria entre sindicatos e a Secretaria de Educação de Belo Horizonte na década de 1990, em uma época em que o lema “direito de ter direitos” impulsionava diversos atores da sociedade para a luta pela garantia à educação e ao trabalho dignos, e se materializava em uma experiência de autogestão repleta de sentido para a população do Barreiro e de toda a capital mineira. Nessa mesma época, Valéria Cardoso narra em seu relato *Do movimento popular à efetivação da política: um caminhar pela Educação de Jovens e Adultos em Belo Horizonte* o nascimento de uma política de EJA para a cidade a partir da sua própria experiência como educadora que, ao perceber a demanda potencial para a educação de pessoas jovens e adultas nas suas andanças pedagógicas, se mobiliza para o avanço da implementação dessa política, buscando atender as especificidades dos sujeitos educandos/as e passando a ser parte da própria gestão municipal.

Já Dulce Constantina de Souza Santos nos apresenta o desenvolvimento de um projeto pedagógico no seu relato *A escola como lugar de repensar as práticas cotidianas através da metodologia de pesquisa* a partir do trabalho docente coletivo na EJA e da implementação de uma metodologia que constrói autonomia e conhecimento com os/as educandos/as. Adelson França Júnior, com *EJA, as travestis e a cidade: a alegria é revolucionária*, relata a sua experiência como professor de uma turma composta por profissionais do sexo e explora tanto as especificidades desses sujeitos enquanto educandas da EJA, como as interpelações ético-pedagógicas vividas que constituíram a sua posição docente e a sua convicção de que a revolução precisa de alegria.

O relato de Alex de Oliveira Fernandes, *Formação continuada e educação democrática-participativa na EJA* compartilha a vivência de um professor que transita por duas redes de educação, a de Belo Horizonte e Contagem, e nessa

trajetória pelas EJAs, no plural, é chamado para ser parte da coordenação municipal da modalidade em uma delas. Os seus saberes enquanto docente são agora colocados em jogo na gestão e na implementação de um processo de formação para professores/as da EJA. Assim, constrói um relato que nos permite aproximarmos do saber pedagógico que necessita uma gestão comprometida com o diálogo e a (trans)formação.

Por último, o relato de Floricena Estevam Carneiro da Silva, intitulado *A escola como espaço de formação cidadã, diante da negação da cidadania*, narra a sua experiência enquanto diretora de uma escola situada no maior aglomerado de Belo Horizonte que, diante da falta de transporte adequado para os moradores se deslocarem até a escola e desde a escola para os seus locais de trabalho e demais atividades, mobiliza a sua gestão e com isso, a toda a comunidade escolar, para garantir esse direito. Conseguem! E demonstra que estar na direção de uma escola também é uma oportunidade para compreender a interligação dos direitos da cidadania e alargar o horizonte dos caminhos que a escola e educação são capazes de abrir.

A publicação destes relatos cumpre uma importante função. Além de disponibilizarem para toda a comunidade interessada um corpus de narrativas que explora as especificidades de educar, ensinar e gerir a EJA, propondo ideias, palavras, metáforas e imagens que nos ajudam a compreender, imaginar e fazer uma educação com pessoas jovens, adultas e idosas democrática e democratizadora da experiência cidadã, também possibilita a continuidade de um legado. Podemos dizer que as experiências narradas se inscrevem em uma determinada tradição da educação com pessoas adultas que recupera nos seus fundamentos, sentidos e finalidades o fazer educativo como prática da liberdade, a compreensão da pedagogia como esperança e a produção de saber como ação-reflexão-ação no mundo.

No início desta experiência, quando os professores e professoras -agora autores e autoras desta publicação- foram convidados/as a participarem da

documentação narrativa de suas experiências, quem escreve estas linhas estava preocupada com a geração de condições de produção destes relatos. Não tínhamos, por se tratar de uma pesquisa de Doutorado, garantias de que chegaríamos até aqui. Não haveria, no final, certificados, valorização salarial, nem reconhecimento por parte de qualquer Secretaria das horas dedicadas a esta experiência. Quando, depois de todo o trabalho, tempo e desejo investido em nosso processo, estávamos chegando ao fim da escrita, sabíamos que não parariamos por aí. Estes relatos não foram feitos para ficarem perdidos entre as muitas páginas de uma tese. Arrisco dizer que se algo pulsava em cada encontro e nos salvava de desistir diante das inúmeras tarefas que sobrecarregam as nossas vidas na contemporaneidade, era a insistência dessas experiências aqui narradas em serem compartilhadas, transmitidas, legadas para que outros/as possam recebê-las, acolhê-las, discuti-las, problematizá-las, transformá-las.

Esta publicação, então, da qual todos/as os/as envolvidos/as somos autores/as e co-autores/as, faz parte da produção das condições de recepção dos relatos para que uma comunidade de leitores/as maior que a que nós construímos, ao longo de um ano, possa se aproximar aos saberes construídos na docência na EJA e entrar em diálogo com eles. E, também, para que possa saber que a EJA tem memória e que as suas experiências ainda são capazes de se espalharem no tempo pela palavra pois, como Adélia Prado, “eu sempre sonho que uma coisa gera”

Nos somamos, autores e autoras desta edição, a aposta que a Revista Pró-Professor faz pela circulação da palavra docente no âmbito de uma publicação ligada a uma universidade, a Universidade Federal de Ouro Preto, e que por meio deste canal habilita a partilha de saberes construídos no exercício de educar e ensinar nas escolas. Trata-se de um ato não menor se considerarmos que esses saberes não costumam circular entre os espaços de produção de conhecimento nas universidades ou nos cursos de formação docente oferecidos. Destaca-se, assim, o lugar da extensão, como é o caso desta revista, ligada ao Programa de

Extensão “UFOP com a Escola”, que possibilita o espaço-tempo para o encontro dos três pilares da universidade, unindo ações, saberes, conhecimentos, dispositivos e sujeitos que transitam e são parte da pesquisa, da docência e da extensão. Iniciativas como a desta Revista constituem um verdadeiro chamado à integralidade das práticas universitárias e, no caso da Pró-Professor, demonstra, a cada número publicado, a potencialidade do vínculo entre a universidade e a escola para a produção de conhecimento em educação e a compreensão dos problemas pedagógicos contemporâneos.

Obrigada pela leitura.

REFERÊNCIAS

CONNELLY, Michael; CLANDINNIN, Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Déjame que te cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995. p. 12-59.

CONTRERAS, José Domingo. Tener historias que contar: profundizar narrativamente la educación. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 15-40, jan./abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18593/r.v41i1.9259>.

SILVA RODRIGUES, Fernanda A.; SOARES, Leôncio J.G. Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais. **Educ. Pesqui.**, v. 47, p. 1-20. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147227768>.

SUÁREZ, Daniel; OCHOA, Laura; DÁVILA, Paula. Documentación narrativa de experiencias pedagógicas. **Nodos y Nudos**, Colombia, v. 2, n. 17, p. 16-31, jul./dic. 2004. DOI: <https://doi.org/10.17227/01224328.1228>.

SUÁREZ, Daniel; DÁVILA, Paula. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas en Argentina: un dispositivo de investigación-formación-acción docente. In: XV Congreso Nacional de Investigación Educativa COMIE (Congreso), 2019, Acapulco. Anais **XV Congreso Nacional de Investigación Educativa COMIE**, Acapulco, Guerrero, 2019. p. 5-13.

SUÁREZ, Daniel *et al.* **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas:** Una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, 2021.